

TOCAIA DO NORTE

S A N D R A G O D I N H O

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Parte I

O Seminarista

I

Se for para partir
Estenda a mão,
Estenda o tronco,
Que como caule
Procura o laço
Do corpo que já
Não é seu,
Do braço que já
Não te alcança.

NÃO PODIA COLOCAR AS MÃOS nos bolsos das calças ou andar sem camisa ou olhar pra trás e pra baixo quando for mijar ou falar “mijar” ou usar calção de futebol acima dos joelhos ou trepar na bacia da privada para cagar ou falar “cagar” ou comer qualquer coisa fora das refeições ou comer qualquer coisa fora dos refeitórios ou andar descalço ou usar as roupas de outro colega ou deixar de fazer a barba todos os dias ou deixar de lavar os pés ou deixar de tomar banho de manhã ou deixar de responder à jaculatória (repetida mil vezes por dia) ou deixar de levantar da cama imediatamente às palmas do Irmão Alcides ou deixar de arrumar as camas ou chegar atrasado a qualquer evento ou passar os braços nos ombros do colega ou tocar o outro colega com as mãos ou olhar pra trás nas filas (nem que o mundo acabasse) ou falar fora de hora ou deixar de rezar ou deixar de estudar ou deixar de comer ou comer demais ou beber demais ou correr nos corredores ou falar durante o almoço ou fazer sinais ou fazer barulho por qualquer coisa ou desrespeitar os professores ou brigar com os colegas ou gastar

muito papel higiênico ou gastar água no banho ou trepar no muro ou jogar papel no vaso sanitário ou rabiscar as folhas dos livros ou rasgar as folhas dos livros ou estragar qualquer material escolar ou roubar mangas da mangueira do pátio (que tinha galhos que alcançavam o céu). A mangueira, em frente ao pátio, foi a primeira coisa que reparei quando entrei naquela prisão, veio-me a vontade de me perder em seus braços. E de me esquecer do inferno em que tinha acabado de me meter.

Meus olhos já carregavam a cruz e nem sabia. Com eles, fui varrendo cada cômodo e cada palavra de ordem, à medida que adentrava aquele mausoléu, seguindo o sisudo Irmão Alcides, enterrando os desejos mais impuros que um garoto de dez anos poderia ter. Fomos instruídos: não podíamos deixar de varrer as salas de estudo ou deixar de estudar a próxima lição ou sentar-se sem decoro ou cruzar as pernas ou coçar o nariz (Irmão Domenico ia sofrer muito com o seu, agigantado) ou enfiar o dedo no ouvido ou mastigar de boca aberta ou deixar de comer com a faca ou deixar de usar o garfo ou deixar de limpar a boca com o guardanapo ou fazer barulho com a cadeira ao sentar ou ao levantar ou assoar o nariz com força (Irmão Domenico também vai sofrer com essa) ou ser vaidoso ou falar só de si próprio ou dormir fora de hora ou não dormir à noite ou não cobrir-se convenientemente quando deitado ou mijar na cama ou ter piolhos ou ter mau-hálito ou jogar palitinho ou falar mal dos outros ou ler jornais ou ler revistas ou ter dinheiro (ninguém falou que era proibido roubar da caixinha de esmolas da capela) ou cantarolar samba ou cantarolar qualquer outra música ou pensar em mulher ou pensar em sexo ou pensar em riqueza ou pensar no mundo lá fora ou brincar com o cachorro dos padres ou falar com a cozinheira ou levantar os olhos do chão ou ter uma amizade particular ou andar com um colega ou calçar meias furadas ou fumar ou ingerir bebida alcoólica ou ir ao pátio dos Maiores ou chorar ou demonstrar dor ou ser maricas ou rir à-toa ou deixar de rir quando o padre Henrique contar uma de suas piadas ou olhar para as folhinhas

pornográficas (moças de maiô são pornográficas?) ou falar o que pensava. Era isso ou a expulsão. Eu preferia a expulsão.

Mas ela não vinha, por mais que a buscasse. Eu insistia nos malfeitos, uma travessura inocente aqui e ali, escondendo ou enchendo de água pares de sapatos da turma inteira, roubando as roupas de cama, arrastando móveis para o meio do corredor (no meio da noite para amedrontar os que acreditavam em espíritos). O meu nunca se domesticou, para desespero de minha mãe e do Irmão Alcides. Somente o Irmão Domenico desconfiava da autoria dos trotes e me punha de joelhos na capela por horas, mas a verdade era que suas dúvidas nunca se confirmaram. Nunca confessei, nem mesmo aos colegas, caso eles mesmos desconfiassem. Se bem que achavam engraçado demais para a farra acabar de repente, fosse quem fosse.

Meus joelhos acabaram se forrando de uma pelanca tão grossa que mesmo se me ajoelhasse em cacos de vidros não poderia sentir. Aliás, já não sentia muita coisa depois de quase sete anos internado. Dos dez aos dezessete, deu tempo suficiente de eu saber as orações do missal de cor, mas rezava por rezar, sem empenho ou devoção. As orações viraram rotina. Os estudos viraram rotina. As refeições viraram rotina, tumultuada apenas pelas confidências trocadas entre os colegas de infortúnio na penumbra do quarto antes de dormir: os charutos que eu surrupiava do Irmão Alcides, as privadas com pôsteres de mulheres generosas em trajes mínimos (especialmente se se tratasse de Rose Di Primo, por quem tinha uma queda indisfarçável), conseguidos com os Maiores que, por sua vez, conseguiam com algum colega (apiedado de nossa reclusão) quando vinham visitá-los. Nada além dessa farra dissimulada me dizia respeito.

Ao final de tantos anos de seminário, a única coisa que ainda me arrepiava era a visão das vestes talares: o uniforme negro que serviria para revestir qualquer um de renúncia e de desapego. A batina tinha esse dom: o de transformar qualquer desajustado num noviço respeitoso.

Eu a experimentei uma vez, surrupiei-a do armário de um dos padres. Ao me olhar no espelho, já vestido com ela, tomei um susto: eu me vi como um fiapo de mártir que enrolava nervosamente o cordão da castidade nos dedos, quase a formar um nó. O colarinho romano, duro e desconfortável, sufocando meu pomo-de-adão, o símbolo de minha virilidade. Nunca aceitaria as vestes de bom grado, foi o que disse a mim mesmo naquele dia, com minha mão apertando o lugar quente onde supostamente deveria estar meu coração. Fossem todos ao diabo. Esforcei-me para criar relâmpagos, de cima a baixo no seminário, voltava tormenta dos malfeitos que vira-e-mexe aprontava, lavando qualquer rastro de santidade que pudesse haver dentro de mim. Sempre carreguei minha cruz com indignidade.

Era tempo de regras e de patentes, dentro e fora do São José, um prédio encarquilhado em formato de U que tomava boa parte do quarteirão da Emílio Moreira, no centro da cidade de Manaus, um seminário que tomou minha vida. Dessa, não podia mais dispor, talvez porque nunca tenha realmente me pertencido.

2

Se for para partir,
Nunca olhe para trás,
Nunca se descalce da cegueira,
E que o caminho se revele,
E que fecunde.

OUVI MINHA MÃE dizer para as comadres que eu era um milagre de Deus. Uma, duas, tantas vezes que perdi a conta. Tinha a impressão de que a velha empacou nesse discurso para convencer a si mesma mais que a mim. A quarentona puxava a cadeira de dentro do flutuante – o nosso era recoberto de palha perto da beira - e a punha fora, sentando as carnes folgadas nos panos, proseando com as vizinhas, desfiando os acontecimentos do dia quase até as nove da noite, sob a luz dos candeiros e da maledicência.

Dizia que o tempo lhe foi duro, sem que a maternidade viesse para lhe definir como mulher, como se isso fosse possível. Já não aguentava esse miolo-de-pote. Ou talvez já não tivesse por ela boa vontade. Desde cedo, entendi que a velhota me havia condenado em vida. O que fazer quando seus pais fermentam ideias erradas? Quando nasci, ela já passava dos quarenta, gasta de idade, levou três dias e três noites para parir. Vim ao mundo roxo e sem chorar, manso como todo cordeiro devia ser. A parteira quase me deu por morto. Chegou a fazer o sinal-da-cruz, no que mãe não se conformou. Tanto enjojo, tanta cólica e tanta azia para nada? Arrancou-me de sua mão e prometeu em voz alta que, se o filho vingasse, ela o entregaria a Deus, formando-me padre. Deu duas palmadas com gosto no meu traseiro e cai no berreiro. No aperto do

parto, virei paga de promessa. Por que não esperou um pouco o curso da natureza? Eu era lerdo, leso e lento, mas era bom, um cordeiro sem voz. Não, ela foi logo fazer a promessa. Fazer promessa à custa dos outros era fácil, o filho que pagasse depois com a própria vida.

– Vai se chamar João de Deus. – ela disse, eu todo encarquilhado no colo da parteira, vincado precocemente pelo tempo e pelo anúncio.

Sempre foi mais fácil respirar do que morrer. Consagrou-me ao santo com a permissão do pai, mas santo nunca fui. Nasci no meio da água e do mal cheiro. E da merda, a cidade flutuante. O governador Arthur Reis a chamava de excrescência e alardeou com seu egocentrismo extravagante que erradicaria esse infortúnio de ladrões da porta da cidade, levaria para longe as prostitutas e as doenças do centro. A nova Manaus - que ele almejava (re)construir - não merecia tanta feiura na entrada do porto. O homem parecia determinado a esconder as vergonhas, como se elas não existissem. As pessoas do lugar viviam na corda bamba, não porque os flutuantes vivessem amarrados por cordas, mas porque tinham os dias contados.

Uma injustiça porque o lugar era divino, como todo lugar sem mando devia ser, livre de tanto rechaço e repugnância. Sem gente retorcendo a boca ao ouvir nosso linguajar caboclo, sem ninguém querendo expulsar de nós a essência. Cada pinguela, catraia ou banzeiro que ondulava o Negro trazia um cheiro de liberdade pelas águas. A cidade flutuante era uma bolha de residências desordenadas na superfície do rio, quebrando a monotonia dos caminhos andantes, habitados por seres que não desistiam de viver, tipos que sabiam escorrer pelas águas, tipos como eu que se acendia ao avistar o mingauseiro ao final de tarde, deslizando o rio com sua canoa.

O homem vendia quitutes de muitos sabores, costumava chegar perto dos flutuantes assoviando, levantando a tampa de alumínio das panelas imensas e deixando o cheiro subir. As moscas eram atraídas pelo aroma, caíam e agonizavam no creme espesso. Não me importava

com a imundície. Nem eu nem as crianças que zarelhavam pelos passadiços enquanto os adultos secavam as roupas ou descansavam nas redes armadas nos esteios do lado de fora. Não se vivia na cidade flutuante por conveniência - como o governador alegou -, mas por necessidade, sem ninguém a nos socorrer.

✉ smgg396@hotmail.com
f /sandra.godinhogoncalves



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2020.
